

# A REFORMA DA IGREJA EM HARMONIA COM AS ESCRITURAS

*Johannes G. Vos*

A reforma da igreja em harmonia com as Escrituras está sempre incompleta na terra. *Ecclesia reformata reformanda est* (“a igreja, tendo sido reformada, ainda precisa ser reformada”). Isto resulta do fato de que as Escrituras são um padrão perfeito e absoluto, enquanto a igreja, em qualquer ponto de sua história na terra, ainda é imperfeita, envolvida em pecado e erro.

Este processo de reforma tem de ser contínuo até ao fim do mundo. Em nenhum ponto, a igreja pode parar e dizer: “Cheguei ao final. Até aqui e não mais adiante”. Somente no céu a igreja triunfante poderá dizer isso.

No processo de reforma, existem certos estágios históricos e certos marcos de progresso alcançado. Por exemplo, os importantes credos e confissões históricas são tais marcos de progresso. A *Confissão de Fé de Westminster*, por exemplo, marca o

verdadeiro progresso da reforma da igreja até ao tempo em que a confissão foi elaborada.

Nunca podemos considerar este processo como completo em nossos próprios dias ou em qualquer ponto da História da Igreja na terra. Temos sempre de esquecer as coisas que ficam para trás e avançar para as que estão no futuro. Temos sempre de nos esforçar para conquistar aquilo para o que fomos conquistados por Cristo. A doutrina da igreja, a adoração, o governo, a disciplina, as atividades missionárias, as instituições educacionais, as publicações e a vida prática — todas estas coisas têm de ser progressivamente reformadas em harmonia com as Escrituras.

A reforma sempre tem sido uma realização progressiva e, necessariamente, tem de ser assim. Os zelosos tentam empreender a reforma de uma única vez, mas apenas batem a cabe-

ça contra um muro de pedras. Deus age por meio de um processo histórico — um processo contínuo e gradual. E temos de nos conformar à maneira de agir dEle.

### **A REFORMA BÍBLICA DA IGREJA É O FRUTO DE SUBMISSÃO AO ESPÍRITO SANTO FALANDO NAS ESCRITURAS.**

Não se exige somente o avanço no estudo das Escrituras, um avanço que sobrepuja os marcos do passado, mas também uma auto-análise perscrutadora por parte da igreja. Os padrões secundários da igreja têm sempre de ser sujeitados à avaliação e reavaliação, à luz das Escrituras. Isto está implícito em nossa confissão de que somente as Escrituras são infalíveis. Se esta confissão é verdadeira, todas as outras coisas têm de ser constantemente examinadas e reexaminadas pelas Escrituras.

Não somente os padrões oficiais da igreja, mas também a sua vida, os seus programas, as suas atividades, as suas instituições e as suas publicações têm de passar pela autocrítica perscrutadora com base nas Escrituras. Estas coisas têm de ser testadas sempre à luz da Palavra de Deus. Essa autocrítica, por parte da igreja, é o correlativo do auto-exame ao qual Deus, em sua Palavra, exorta todo crente.

Essa autocrítica, por parte da igreja, é árdua. Exige esforço, inteligência, aprendizado, sacrifício, muita humildade, auto-renúncia e honestidade absoluta. Requer lealdade às Escrituras, uma lealdade que se dispõe a fazer tudo o que for pre-

ciso para ser fiel à Palavra de Deus — uma lealdade verdadeiramente heróica e radical para com as Escrituras.

Essa autocrítica, por parte da igreja, pode ser embaraçadora e dolorosa. Pode significar que a igreja, assim como o *Cristão*, em *O Peregrino*, escrito por John Bunyan, pode se achar na *Campina do Caminho Errado* e ter de refazer seus passos, dolorosa e humildemente, até que esteja de volta ao *Caminho do Rei*. Essa autocrítica, por parte da igreja, pode ser devastadora para os interesses e projetos especiais de alguns crentes ou grupos da igreja. Pode demonstrar que certas características dos padrões, da vida ou do programa da igreja não estão em completa harmonia com a Palavra de Deus; e, portanto, devem ser reconsiderados e colocados em harmonia com as Escrituras.

Por estas e outras razões similares, a autocrítica, por parte da igreja, é freqüentemente negligenciada e, muitas vezes, resistida com vigor. Aqueles que a defendem ou procuram vê-la realizada provavelmente serão vistos como extremistas, fanáticos, entusiastas, visionários, criadores de problemas e coisas semelhantes. No entanto, foi por meio dessa autocrítica que as reformas do passado se realizaram. Homens como Lutero, Calvino, Knox, Melville, Cameron e Renwick estavam preocupados apenas com a opinião de Deus em sua Palavra. Eles não foram impedidos pelas opiniões e atitudes adversas dos homens.

Quando a igreja ousou realmente contemplar-se no espelho da

Palavra de Deus, com sinceridade mortal, ela esteve em seu máximo e influenciou o mundo. Ela seguiu adiante com novo ânimo e vigor. Por outro lado, quando a igreja hesitou ou se recusou a contemplar-se atentamente no espelho da Palavra de Deus, ela se tornou fraca, estagnada, decadente, ineficaz e sem influência.

A autocrítica denominacional constante, com base nas Escrituras, é um dever de toda igreja. Mas isto é realmente levado a sério? Quanto zelo, quanta preocupação — também digo, quanta tolerância — existe hoje em relação à autocrítica?

Em toda igreja, existe uma tendência constante de considerar o presente estado das coisas (o *status quo*) como normal e correto. Assim, o que, na realidade, é um simples costume passa a ter a força e a influência de um princípio, enquanto os verdadeiros princípios chegam a ser considerados como se fossem meras convenções ou costumes humanos, possuindo apenas autoridade resultante de uso e de aprovação popular. A sanção outorgada pelo uso é considerada como suficiente para estabelecer um assunto como legal, correto ou necessário. E, de modo inverso, a falta de uso é considerada como suficiente para provar que um assunto é errado ou impróprio. Este tipo de estagnação, esta atitude de considerar o *status quo* como normal, fecha a porta contra todo o verdadeiro progresso na reforma da igreja, visto que o *status quo* é sempre pecaminoso. Sempre fica aquém das exigências da Palavra de Deus. É sempre menor do que aquilo que

Deus realmente exige da igreja. Uma vez que o *status quo* é pecaminoso, ele nunca pode ser considerado com complacência; e, menos ainda, considerado como o ideal para a igreja. É um pecado tornar absoluto o *status quo*.

Sempre precisamos nos arrepender do *status quo*. Não importa o quão excelente ele seja, ainda é pecaminoso e precisamos nos arrepender dele. Considerá-lo com complacência é um dos maiores pecados da igreja contemporânea — um pecado que entristece o Espírito Santo, um pecado que, com certeza, impede a igreja de realizar seu verdadeiro e correto progresso de reformar-se em harmonia com as Escrituras.

Uma igreja dominada por esta idéia não pode avançar realmente. Na verdade, ela pode até cair em declínio e apostasia. No máximo, ela se moverá em círculo fixo, sempre retornando ao ponto do qual havia partido.

### **DEUS NOS CHAMA A BUSCAR A REFORMA DA IGREJA EM NOSSOS DIAS.**

As igrejas, em sua maioria, se moveram em um círculo fixo através de sua história passada. Podemos dizer vigorosamente que elas têm se movido em um ciclo vicioso. O padrão tem sido este: uma dormência seguida por um avivamento, seguido por uma dormência... O verdadeiro progresso ainda não se realizou. Parece que o melhor a ser feito é descobrir como sair de um abismo após outro. Nada é mais prevaLENTE do que este tipo de estagnação na

igreja. Nada é mais difícil do que conseguir realmente avaliar e reformar qualquer aspecto da estrutura e das atividades da igreja à luz da Palavra de Deus.

O verdadeiro progresso significa edificar sobre os alicerces estabelecidos no passado; mas não significa ser dominado pelas mãos letais do erro e das imperfeições do passado. Existe somente um critério legítimo para avaliarmos o verdadeiro progresso; este critério é a própria Palavra de Deus. A verdadeira reforma da igreja é uma reforma alicerçada nas Escrituras. É uma reforma que ocorre dentro dos limites das Escrituras, não uma reforma que vai além das Escrituras.

As instituições, as agências, as publicações da igreja refletem opiniões diferentes, daquelas que ocorrem em nossos dias na igreja? Ou elas têm de assumir sua posição junto aos padrões oficiais da igreja e manter essa postura ao confrontar o público? Ou devem ser os pioneiros na autocrítica denominacional com base nas Escrituras? Elas têm de abrir um novo caminho e seguir para um novo território à luz da Palavra de Deus?

Estas são perguntas sérias e difíceis. A tendência é deixá-las de lado e ignorá-las. Elas raramente são enfrentadas. A tendência é considerarmos o *status quo* como normal. Ou, se não pensamos assim sobre o *status quo* do presente, consideramos como normais, em algum grau, as realizações do passado. Se pudéssemos tão somente retornar às coisas como elas eram nos “excelentes dias de outrora” e manter aquele padrão, dizem

alguns, tudo seria ótimo.

Seria ótimo realmente? O que aconteceu? Não estamos naquela época. Como podemos nos desculpar por haveremos falhado em ir além de nossos antepassados no entendimento das Escrituras? Como podemos dizer que a reforma da igreja foi completada em 1560, em 1638 ou, ainda, em 1950? O que temos feito? Nosso talento foi escondido em um guarda-roupa?

Não é difícil admitir que na igreja existem alguns males que precisam de correção. A tendência, porém, é dizermos que, se pudéssemos apenas retornar aos fundamentos corretos de uma ou duas gerações passadas, tudo seria como realmente deve ser. O que mais alguém perguntaria? Poderíamos manter aquela posição por todo o tempo vindouro. Mas isso não seria cumprir os deveres que Deus nos outorgou. Nossos antepassados reformaram a igreja em seu tempo; Deus nos chama a reformá-la em nosso tempo. Não podemos descansar em nossos lauréis. Temos de agir por nós mesmos, pela fé, alicerçados na Palavra de Deus.

### **A VERDADEIRA REFORMA BUSCA A VERDADE E A HONRA DE DEUS ACIMA DE TODAS AS OUTRAS CONSIDERAÇÕES.**

Vivemos em uma era pragmática, impaciente com a verdade, bastante interessada em resultados práticos. É uma época de impaciência com aqueles que consideram a verdade acima dos resultados. Nossa era quer resultados e está bastante disposta a crer que figos nascem em

cardos, se é que pensa ver algum figo.

Quando alguém procura trazer alguma característica da igreja ao julgamento crítico da Palavra de Deus, já ouvi a objeção de que o tempo não é oportuno. “Você está certo”, alguns dizem, “mas este é o tempo oportuno para você trazer este assunto à baila?” Devemos compreender que a verdade é sempre oportuna e correta; e, se esperarmos um tempo oportuno para a trazermos à baila, esse tempo pode nunca chegar. Essa época mais conveniente pode nunca chegar. Sempre haverá uma razão para sermos instados a não realizarmos a reforma da igreja em harmonia com as Escrituras. Deus é o Deus da verdade. Deus é luz, e não há nEle treva nenhuma. Cristo é o Rei do reino da verdade. Para isto Ele veio ao mundo: para dar testemunho da verdade. Todo aquele que é nascido da verdade ouve a voz de Cristo.

A excessiva prontidão de aceitar o *status quo* como normal é um dos grandes obstáculos no caminho da verdadeira reforma e progresso da igreja em nossos dias. Esta atitude é pecaminosa porque está cega para a verdadeira pecaminosidade do *status quo*. Falha em reconhecer que o *status quo* é algo do que sempre temos de nos arrepender, algo que sempre precisa ser perdoado pela

graça divina e sempre precisa ser reformado pela igreja, na terra. Esta atitude falha em compreender a verdade da afirmação de Agostinho: “Todo bem inferior envolve um elemento de pecado”.

No fundo, esta aceitação complacente do *status quo* como normal procede de uma idéia errada a respeito de Deus, uma idéia que falha em reconhecer a santidade e a pureza de Deus, que falha em compreender o absoluto caráter das Escrituras como o padrão da igreja.

Colocar a honra e a verdade de Deus em primeiro lugar, acima de quaisquer outras considerações, exige grande consagração moral. Neste assunto, aquilo que é verdadeiro para um indivíduo também é verdadeiro para a igreja: quem perder a sua vida por amor a Cristo, esse a achará.

---

Johannes G. Vos, filho de Geerhardus Vos, do Seminário Princeton, foi pastor na Igreja Presbiteriana Reformada da América do Norte e ensinou as Escrituras na Faculdade Genebra, durante vários anos. Este artigo apareceu originalmente no jornal *Blue Banner Faith and Life*, que ele criou e editou. Embora tenha sido escrito em 1959, este artigo é tão relevante para a igreja contemporânea como o foi naqueles dias.

☆ ☆ ☆ ☆ ☆ ☆ ☆

*A verdade de Deus sempre concorda consigo mesma.*

**Richard Sibbes**

# QUAL É A SUA FÉ?

*C. H. Spurgeon*

Devemos aprender do exemplo de Davi a prudência de conservar armas provadas e eficazes. Muitos têm afirmado ser improvável que Davi matou o gigante utilizando uma pedra. Cumpre-nos usar os mais adequados instrumentos que pudermos encontrar. No que diz respeito às pedras que Davi apanhou no ribeiro, ele não as apanhou ao acaso. Davi as escolheu diligentemente, selecionando pedras lisas que se encaixariam com perfeição em sua funda, o tipo de pedra que ele imaginava serviria melhor ao seu propósito. Davi não confiava em sua funda. Ele nos disse que confiava no Senhor; todavia, saiu para confrontar o gigante com sua funda, como se estivesse sentindo que a responsabilidade era dele mesmo.

Esta é a verdadeira filosofia da vida de um crente. Você tem de realizar boas obras tão zelosamente como se tivesse de ser salvo por meio delas e tem de confiar nos méritos de Cristo como se não tivesse feito nada. Esta mesma atitude deve manifestar-se na obra de Deus: embora você tenha de trabalhar para Ele como se o cumprimento de sua missão dependesse de você mesmo, precisa entender com clareza e crer com firmeza que, afinal de contas, toda a questão, desde o início até ao final, depende completamente de Deus. Sem Ele, tudo o que você planejou ou realizou é inútil.

Deus nunca pretendeu que a fé nEle mesmo fosse sinônimo de indolência. Se a obra depende completamente dEle, não há necessidade de que Davi utilize a sua funda. Na realidade, não existe necessidade nem mesmo do próprio Davi. Ele pode virar suas costas, no meio do campo de batalha, dizendo: “Deus realizará a sua obra; Ele não precisa de mim”. Essa é a linguagem do fatalista; não é a linguagem que expressa a maneira de agir daqueles que crêem em Deus. Estes dizem: “Deus o quer; portanto, eu o farei”. Eles não dizem: “Deus o quer; por isso, não há nada para eu fazer”. Pelo contrário, eles afirmam: “Visto que Deus trabalha através de mim, eu trabalharei por intermédio de sua boa mão sobre mim. Ele concederá forças ao seu frágil servo e me utilizará como seu instrumento, que, sem Ele, não serve para nada”. Se você está disposto a servir a Deus, ofereça-Lhe o seu melhor. Não poupe nenhum músculo, nervo, habilidade ou esperteza que você pode dedicar ao empreendimento. Não diga: “Qualquer coisa será proveitosa; Deus pode abençoar minha deficiência tão bem quanto minha competência”. Sem dúvida, Ele pode, mas certamente não o fará.

# APELO À ORAÇÃO EM FAVOR DOS PASTORES

*Gardiner Spring*

A importância do ministério pastoral é tão grande, que somos compelidos a rogar para ele um favor especial. “Orai por nós” é uma súplica em que sentimos profundo interesse pessoal. “Orai por nós” — rogou o apóstolo em 1 Tessalonicenses 5.25. “Orai por nós” é o eco sincero de todo púlpito evangélico neste país e no mundo. Se um homem como Paulo pediu a bons crentes rogam por ele e se, com seu elevado intelecto, sua eminente espiritualidade e sua comunhão íntima com Deus e o mundo invisível, este santo homem precisava de encorajamento e estímulo para a sua obra, quem não dirá: “Irmãos, orai por nós, para que a palavra do Senhor se propague e seja glorificada”? (2 Ts 3.1.)

Para o jovem que está entrando no ministério da reconciliação, é um deleite pensar que, embora ele seja indigno, milhares de orações em seu favor, por parte dos filhos de Deus,

estão constantemente subindo ao seu Pai e ao Pai deles, ao seu Deus e ao Deus deles. Este jovem parece ouvir a igreja dizendo: “Não podemos entrar neste ministério sagrado, mas acompanharemos você com nossas orações”. Ele parece ouvir muitos pais crentes falando: “Não temos um filho para enviar a esta vocação sagrada, mas você está indo e não deixará de ser o interesse de nossas orações!”

Muitas igrejas deste país têm desfrutado do sublime privilégio de enviar à seara espiritual um número considerável de amados jovens das famílias de sua membresia. Essas igrejas têm estabelecido a prática de se reunirem (com uma extensão que é gratificante recordar) em cultos especiais para confiar seus jovens aos cuidados e à fidelidade do Deus que cumpre a aliança. Quão convenientes, em qualquer de seus aspectos, são esses cultos! Quão cheios de encorajamento para o coração que

treme ante a visão das responsabilidades do ofício sagrado! Quão prazeroso é este estímulo espiritual para a mente quase pronta a sucumbir ao peso de sua própria fraqueza! E quão inefavelmente precioso é o pensamento de que todos os que labutam nesta obra grandiosa, jovens ou velhos, são lembrados nas orações das igrejas!

No coração de cada igreja, deve aprofundar-se o pensamento de que o seu pastor será um verdadeiro ministro do evangelho à proporção que as orações dela podem torná-lo um ministro dessa espécie.

Se nada, exceto a graça onipotente, pode gerar um crente, nada menos do que as orações das igrejas podem fazer de um homem um fiel e bem-sucedido ministro do evangelho!

Rogamos às igrejas que considerem, com maior determinação e devoção, a *grande obra* à qual seus pastores se dedicam. Explicar doutrinas e inculcar os deveres do verdadeiro cristianismo; defender a verdade contra toda a sutileza e versatilidade do erro; manter no espírito deles mesmos o senso da presença de Deus e das sanções morais reveladas em sua Palavra; experimentar aquela profunda e amável impressão das coisas invisíveis e eternas (tão necessárias para dar fervor à pregação), bem como aquela vida e tolerância consistentes que são essenciais para

dar poder à pregação deles — fazer essas coisas de um modo que se adaptará a diferentes épocas, lugares, ocasiões e pessoas, não se deixando desanimar pelas dificuldades, vencer pelos inimigos ou fatigar-se do jugo que tomaram sobre si mesmos, não é uma tarefa simples!

Se os crentes esperam ouvir sermões enriquecedores da parte do pastor de sua igreja, as orações deles têm de supri-lo com os recursos necessários.

Se os crentes esperam ouvir sermões fiéis, as orações deles têm de impelir o pastor, mediante uma fiel e descompro-

metida manifestação da verdade, a recomendar-se a si mesmo à consciência de todo homem, na presença de Deus (2 Co 4.2). Se o povo de Deus espera ouvir sermões poderosos e bem-sucedidos, as orações deles têm de fazer com que o pastor se torne uma bênção para a alma dos homens!

Os crentes desejam que o pastor venha ao encontro deles na plenitude da bênção do evangelho da paz, com um coração insistente, olhos perscrutadores, língua ardente e sermões regados com lágrimas e oração? Se desejam isso, as suas orações devem incitar o pastor a orar; e as lágrimas dos crentes devem inspirar o coração sensível do pastor com os fortes anelos da afeição cristã. É em seu quarto de oração que os crentes

— ■ —

*Quão inefavelmente precioso é o pensamento de que todos os que labutam nesta obra grandiosa, jovens ou velhos, são lembrados nas orações das igrejas!*

— ■ —

desafiam seus amados pastores a atentarem ao ministério que receberam do Senhor Jesus (At 20.24).

Quem e o que são realmente os ministros do evangelho? São homens fracos, falíveis, pecadores, expostos a todas as armadilhas e a todos os tipos de tentação. E, devido ao lugar de observação que ocupam, os pastores são alvo fácil para os dardos inflamados do Maligno. Eles não são vítimas triviais que o grande Adversário está procurando, quando deseja ferir e mutilar os ministros de Cristo. Tal vítima é mais digna da atenção do reino das trevas do que grande número de homens comuns. Por esta mesma razão, as tentações dos pastores são provavelmente mais sutis e severas do que as enfrentadas pelos crentes comuns.

Se o ardiloso Enganador falha em destruir os pastores, ele se concentra astuciosamente em neutralizar a influência deles, por meio de abafar o fervor da piedade neles, levando-os à negligência e fazendo tudo o que pode para transformar a obra deles em um fardo insuportável. Quão perigosa é a condição de um pastor cujo coração não é encorajado, que não tem as mãos fortalecidas e não é sustentado pelas orações do seu povo! Não é somente em oração particular e em seus próprios joelhos que o pastor encontra segurança e consolação, bem como pensamentos e regozijos que enobrecem, humilham, purificam. Porém, quando os crentes buscam estas coisas em favor do pastor, este se torna um homem melhor e mais feliz, um ministro mais útil do evangelho eterno!

Nada proporciona aos crentes tão grande interesse (da melhor qualidade) como o orar pelos pastores de suas igrejas. Quanto mais os crentes confiarem a Deus os seus pastores, tanto mais os amarão e os respeitarão; tanto mais atenderão, com alegria, ao ministério deles e tanto mais se beneficiarão desse ministério. Os crentes sentirão maior interesse no ministério do seu pastor, se orarem mais por ele. E os filhos dos crentes sentirão interesse mais profundo tanto no pastor quanto na pregação dele, se ouvirem com regularidade súplicas que confiam afetivamente o pastor ao trono da graça celestial.

*Os resultados da pregação do evangelho* estão associados com as mais interessantes realidades do universo. De fato, estes resultados cumprem grande papel em afetar essas realidades. Onde o evangelho pregado não tem livre curso e não é glorificado, ali também não ocorre nenhuma exibição brilhante e majestosa do Deus sempre bendito e adorável. Essa maravilhosa exibição da natureza divina — esse desenvolvimento progressivo que é, em si mesmo, tão desejável e, em suas conseqüências, tão querido a toda mente piedosa — nunca se manifesta com tanta distinção impressionante e com tanto fulgor dominante como quando os ouvintes da verdade e da graça de Deus, proclamadas por lábios de barro, tornam visível a manifestação da grandiosa glória de Deus.

Se o povo de Deus na terra tivesse mente tão pura como a dos anjos ao redor do trono de Deus, eles acompanhariam, com grande interesse, ansiedade e oração, o progresso

e os labores dos humildes e fiéis embaixadores da cruz, enquanto estes proclamam o glorioso evangelho, e veriam quanto os efeitos da pregação deles revelam novas e permanentes manifestações da Divindade! Os efeitos da pregação dos pastores sobre a alma dos homens não são nada

menos do que o aroma de vida para a vida, naqueles que são salvos, e o cheiro de morte para a morte, naqueles que se perdem (2 Co 2.15,16).

A mesma luz e motivos que são os

meios de preparar alguns para o céu, quando são pervertidos e usados abusivamente, preparam outros para o inferno.

Oh! os pastores estão sempre assumindo o púlpito a um custo muito elevado, não sendo precedidos, acompanhados e seguidos por orações fervorosas das igrejas! Não devemos nos admirar com o fato de que muitos púlpitos estejam sem poder e os pastores se encontrem, frequentemente, desanimados, quando há tão poucos a manter erguidas as mãos deles. A conseqüência de negligenciar este dever é vista e sentida no declínio espiritual das igrejas e será vista e sentida na eterna perdição dos homens. A conseqüência de ter este dever em alta estima seria o ajuntamento de multidões no reino de Deus

e novas glórias ao Cordeiro que foi morto!

Por conseguinte, em seu próprio benefício e em benefício do amado e respeitado ministro do evangelho, este escritor roga por um interesse nas orações de todos aqueles que amam o Salvador e a alma dos ho-

mens. Somos despendeiros da verdade de Deus e, no entanto, ficamos a quem deste glorioso tema. Os deveres de nossa chamada recaem sobre nós a cada semana. Tais deveres

sempre nos sobrevêm com diversas exigências conflitantes. Às vezes, esses deveres impõem exigências sobre todos os nossos pensamentos, exatamente quando temos perdido a capacidade de pensar. Às vezes, tais deveres exigem toda a intensidade e vigor de nossas afeições, quando somos menos capazes de expressá-las. Associadas com estas exigências, existem a tristeza aflitiva e a ansiedade desanimadora, que exaurem nosso vigor, abatem nossa coragem e desanimam nosso espírito.

Além de tudo isso, existem tantos desapontamentos na obra do pastor, que ele sente desesperadamente a necessidade de simpatia e consolo das orações dos crentes fiéis dentre o povo de Deus! Às vezes, sentimos o nosso espírito estimulado

---

*Para o jovem que está entrando no ministério da reconciliação, é um deleite pensar que, embora ele seja indigno, milhares de orações em seu favor, por parte dos filhos de Deus, estão constantemente subindo ao seu Pai e ao Pai deles, ao seu Deus e ao Deus deles.*

---

e nos dirigimos ao nosso povo repletos da esperança de resgatá-los dos horrores eternos; e, em um momento infeliz de nossa autoconfiança, imaginamos inutilmente que a obra e o triunfo resultam de nós mesmos. Somos dispostos a tempo e fora de tempo (2 Tm 4.2); preparamo-nos para o conflito, polindo, em algumas ocasiões, nossas flechas, mas, em outras ocasiões, nós as deixamos ásperas e embotadas. Vestimos nossa armadura, entramos no campo de batalha com a determinação de usarmos toda a nossa força e com a absoluta confiança de que temos de realizar a tarefa designada. Mas, que lição de auto-humilhação! Não podemos converter uma única alma. “Nós vos tocamos flauta, e não dançastes; entoamos lamentações, e não pranteastes” (Mt 11.17).

Ensinamos com tanta clareza e freqüência os mandamentos divinos, e os homens menosprezam a autoridade de Deus. Falamos clara e repetidamente sobre os juízos de Deus, e os homens desprezam a justiça de Deus. Pregamos amavelmente sobre as promessas de Deus, e os homens não atentam à fidelidade dEle. Proclamamos o Filho amado de Deus, e os homens ameaçam pisoteá-Lo. Falamos sobre a paciência e a longanimidade de Deus, mas a impenitência e a obstinação dos homens constituem provas contra todos eles. Arrazamos e imploramos aos homens, até que os obstáculos para a conversão deles parecem se tornar cada vez mais elevados por intermédio de cada esforço que empreendemos para vencê-los; até que, finalmente, caímos em desânimo e clamamos: “Que po-

der é capaz de esmigalhar esses corações semelhantes a granito? Que braço onipotente pode resgatar das chamas eternas esses homens condenados?” Ó igrejas compradas por sangue, os seus pastores necessitam de suas orações, suplicando a suprema grandeza daquele poder que Deus manifestou em Cristo, ressuscitando-O dos mortos (Ef 1.19,20).

Temos interesse em orar pelos incrédulos, pela Escola Dominical e pela bênção de Deus sobre a distribuição de folhetos evangelísticos. Por que, então, devemos esquecer o grande instrumento designado por Deus mesmo para a salvação de pessoas? Não haverá algum tipo de acordo de oração em favor dos ministros do evangelho? Se não houver uma sugestão melhor, por que não pode haver um entendimento geral entre os homens crentes e suas famílias, a fim de separarem um tempo, no domingo, para orarem por este assunto especial e sublime? Esta era uma prática comum na família de meu respeitável pai; e têm sido a de minha própria família. Além disso, é um privilégio muito precioso.

A manhã do domingo é um tempo bastante apropriado. Esse ministério de oração exerce a influência aprazível nos privilégios do santuário. “E será que, antes que clamem, eu responderei; estando eles ainda falando, eu os ouvirei” (Is 65.24). Oh! que Deus se compraza em dar às igrejas o espírito de oração em favor dos pastores — este seria o propósito de respondê-las. Ele atenderá ao desamparado e não desprezará a sua oração (Sl 102.17). Está escrito: “Criará o SENHOR, sobre todo o mon-

te de Sião e sobre todas as suas assembléias, uma nuvem de dia e fumaça e resplendor de fogo chamejante de noite” (Is 4.5). Nem o altar será profanado, nem o incenso, menos fragrante, se estas palavras de esperança estiverem mais frequentemente nos lábios daqueles que o oferecem — “Vestirei de salvação os seus sacerdotes, e de júbilo exultarão os seus fiéis (Sl 132.16).

E isto não é tudo! Os ministros do evangelho devem ser lembrados todos os dias no altar doméstico. “Não é algo insignificante”, disse um escritor de nossa cidade, “que uma congregação tenha clamores diários, suplicando a bênção de Deus, provenientes de centenas de lares”. Que fonte de refrigério para um pastor! A devoção familiar de oração, no condado de Kidderminster, sem dúvida alguma, fez de Richard Baxter um pastor melhor e um homem mais feliz. É possível que ainda estejamos colhendo os frutos de tais orações, nos livros *O Descanso Eterno dos Santos* (*The Saints Everlasting Rest*) e *Pensamentos de Moribundo* (*Dying Thoughts*), escritos por Baxter.

Vocês, que fazem lembrado o Senhor, não se mantenham em silêncio, nem dêem a Ele descanso (Is 62.6,7). Quando as igrejas pararem de orar em favor dos pastores, eles não serão mais uma bênção para as igrejas. Irmãos, *orem por nós*, para que sejamos guardados do pecado, andemos prudentemente, não como néscios, e sim como sábios, remindo o tempo (Ef 5.16); para que nosso

coração seja mais consagrado a Deus e nossa vida se torne um exemplo impressionante do evangelho que pregamos; para que estejamos mais completamente equipados para a obra e o conflito, vestindo toda a armadura de Deus; para que sejamos mais fiéis e mais sábios para ganhar almas e disciplinemos nosso próprio corpo, trazendo-o em sujeição, a fim de que, havendo pregado aos outros, não sejamos nós mesmos desqualificados (1 Co 9.27).

Quando volvemos nossos pensamentos e contemplamos ordenanças estéreis e um ministério infrutífero, o coração se derrete em nosso íntimo; e desejamos nos lançar aos pés das igrejas, tendo o prazer de implorar que sejamos lembrados em suas orações. Se você já entrou na intimidade do Altíssimo e se aproximou do coração dAquele que é amado por sua alma, suplique ardentemente que o poder dEle assista aqueles que foram ordenados ministros do evangelho. Se você já se reclinou ao seio de Jesus, lembre-se de nós, por favor! Conte-Lhe seus desejos. Fale com Emanuel sobre o precioso sacrifício e o maravilhoso amor dEle. Fale com Ele sobre o seu poder e a nossa fraqueza, sobre a sua glória indescritível e a angústia eterna que se encontra além do sepulcro. Com lágrimas de solicitude, insista em seu apelo e diga-Lhe que Ele entregou o tesouro de seu glorioso evangelho a vasos terrenos, a fim de que a excelência do poder seja toda de Deus!

“Irmão, orai por nós. Amém!”

## A CARTA DE MEU PAI QUE MARCOU A MINHA VIDA

Quando recebi esta carta, era o início de 1944. Eu tinha dezesseis anos e estava a 5.000 quilômetros de casa, estudando em uma escola preparatória cristã. Normalmente, as cartas que vinham de casa eram escritas por minha mãe, mas daquela vez foi meu pai quem datilografou a carta de duas páginas. Foi preparada em resposta a uma observação que eu tinha feito em carta anterior. Tendo aprendido, em casa, por exemplo e preceito, que o crente deve evitar a influência contaminante dos cinemas, estranhei o fato de que muitos de meus amigos criados em lares cristãos iam com frequência ao cinema, nas noites de sexta-feira. Minha carta a meu pai foi um desafio à posição que eu aprendera a ter enquanto estava em casa.

Não sei o que aconteceu com o original da carta que marcou a minha vida; porém, anos depois que meu pai faleceu, encontrei entre seus escritos a cópia que está reproduzida aqui. Naquela hora, minha mãe compartilhou comigo que ela e meu pai haviam jejuado e orado por dois dias, antes de ele escrever para mim. Mesmo tendo perdido a carta, a sua mensagem permanece comigo até hoje. Eis a carta de meu pai:

*Querido filho,*

*Alguns perguntam: “Por que o crente não deve freqüentar o cinema?” Visto que não havia tais coisas no tempo de Cristo, ou de Paulo, não existe, portanto, nenhuma exortação direta contra essas coisas. Todavia, as seguintes passagens bíblicas podem ser consideradas:*

“E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Romanos 12.2).

“Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos; porquanto que sociedade pode haver entre a justiça e a iniquidade? Ou que comunhão, da luz com as trevas?... Por isso, retirai-vos do meio deles, separai-vos, diz o Senhor; não toqueis em coisas impuras” (2 Coríntios 6.14,17).

*Muitos crentes e até pastores assistem a filmes. Isso justifica a nossa atitude de assistir filmes?*

“Porque não ousamos classificar-nos ou comparar-nos com alguns que se louvam a si mesmos; mas eles,

medindo-se consigo mesmos e comparando-se consigo mesmos, revelam insensatez” (2 Coríntios 10.12).

“Julgai todas as coisas, retende o que é bom; abstende-vos de toda forma de mal” (1 Tessalonicenses 5.21,22).

“É bom não comer carne, nem beber vinho, nem fazer qualquer outra coisa com que teu irmão venha a tropeçar [ou se ofender ou se enfraquecer]” (Romanos 14.21).

“Por isso, se a comida serve de escândalo a meu irmão, nunca mais comerei carne, para que não venha a escandalizá-lo” (1 Coríntios 8.13).

“Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados... Isto, portanto, digo e no Senhor testifico que não mais andeis como também andam os gentios, na vaidade dos seus próprios pensamentos... “Nem deis lugar ao diabo” (Efésios 4.1,17,27).

“Pois, outrora, éreis trevas, porém, agora, sois luz no Senhor; andai como filhos da luz... E não sejais cúmplices nas obras infrutíferas das trevas; antes, porém, reprovai-as... Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, e sim como sábios, remindo o tempo, porque os dias são maus” (Efésios 5.8,11,15,16).

“Ora, como recebestes Cristo Jesus, o Senhor, assim andai nele, nele radicados, e edificados, e confirmados na fé, tal como fostes instruídos, crescendo em ações de graças. Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos

homens, conforme os rudimentos do mundo e não segundo Cristo” (Colossenses 2.6-8).

“Se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus. Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra... E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai” (Colossenses 3.1,2,17).

“Quanto aos moços, de igual modo, exorta-os para que, em todas as coisas, sejam criteriosos. Tornate, pessoalmente, padrão de boas obras. No ensino, mostra integridade, reverência, linguagem sadia e irrepreensível, para que o adversário seja envergonhado, não tendo indignidade nenhuma que dizer a nosso respeito” (Tito 2.6-8).

“Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele; porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo” (1 João 2.15,16).

“Sujeitai-vos, portanto, a Deus; mas resisti ao diabo, e ele fugirá de vós. Chegai-vos a Deus, e ele se chegará a vós outros. Purificai as mãos, pecadores; vós que sois de ânimo dobre, limpai o coração” (Tiago 4.7,8).

“Amados, exorto-vos, como peregrinos e forasteiros que sois, a vos absterdes das paixões carnis, que fazem guerra contra a alma” (1 Pedro 2.11).

“Por isso, cingindo o vosso entendimento, sede sóbrios e esperai inteiramente na graça que vos está sendo trazida na revelação de Jesus Cristo. Como filhos da obediência, não vos amoldeis às paixões que tínheis anteriormente na vossa ignorância; pelo contrário, segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento” (1 Pedro 1.13-15).

“Resolveu Daniel, firmemente, não contaminar-se com as finas iguarias do rei, nem com o vinho que ele bebia; então, pediu ao chefe dos eunucos que lhe permitisse não contaminar-se... No fim dos dez dias, a sua aparência era melhor; estavam eles mais robustos do que todos os jovens que comiam das finas iguarias do rei” (Daniel 1.8,15).

*Quais os que têm melhor aparência e são mais robustos em sua alma, os crentes que vão ao cinema ou aqueles que não fazem isso?*

“Digo, porém: andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne. Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer... Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito” (Gálatas 5.16,17,25).

“Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus” (Mateus 5.16).

“E não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal” (Mateus 6.13).

*Alguns dizem: “Mas existem filmes excelentes”.*

*Tiago escreveu: “Acaso, pode a fonte jorrar do mesmo lugar o que é doce e o que é amargoso? Acaso, meus irmãos, pode a figueira produzir azeitonas ou a videira, figos? Tampouco fonte de água salgada pode dar água doce” (3.11,12).*

*Com amor,  
seu pai*

Durante os sessenta anos seguintes, tenho verificado que os princípios bíblicos listados aqui não somente responderam a este questionamento, como também têm dado direcionamento em outras áreas da minha vida.

**Ricardo Denham**

☆ ☆ ☆ ☆ ☆ ☆ ☆

*Sei muito bem que há muitas dificuldades no caminho de um jovem. Admito-o inteiramente. Mas, sempre há dificuldades no caminho certo. O caminho para o céu é sempre estreito, tanto para o jovem quanto para o velho.*

(Extraído do livro "Uma Palavra aos Moços", J. C. Ryle, Editora Fiel, pág. 46)

# FALANDO SOBRE CRESCIMENTO NA GRAÇA

*J. C. Ryle*

Quando falo sobre *crescimento na graça*, nem por um momento estou dizendo que os benefícios de um crente em Cristo podem crescer; não estou dizendo que o crente pode crescer em sua posição, segurança ou aceitação diante de Deus; que o crente pode ser mais justificado, mais perdoado, mais redimido e desfrutar de maior paz com Deus do que desde o primeiro momento em que ele creu. Afirmo categoricamente: a justificação de um crente é uma obra completa, perfeita, consumada; e o mais fraco dos crentes (embora ele não o saiba, nem o sinta) está tão completamente justificado quanto o mais forte deles. Declaro com firmeza: a nossa eleição, chamada e posição em Cristo não admitem qualquer progresso, aumento ou diminuição. Se alguém pensa que, por crescimento na graça, estou querendo dizer crescimento na justificação, está completamente enganado a respeito do assunto que estou considerando. Estou pronto a morrer na fogueira (se Deus me assistir), por causa da gloriosa verdade de que, no assunto da justificação diante de Deus, todo crente está completo em Cristo (Cl 2.10). Nada pode ser acrescentado à justificação do crente, desde o momento em que ele crê, e nada pode ser removido.

Quando eu falo sobre *crescimento na graça*, estou me referindo somente ao crescimento em grau, tamanho, força, vigor e poder das graças que o Espírito Santo implanta no coração de um crente. Estou dizendo categoricamente que todas aquelas graças admitem crescimento, progresso e aumento. Estou declarando com firmeza que o arrependimento, a fé, o amor, a esperança, a humildade, o zelo, a coragem e outras virtudes semelhantes podem ser maiores ou menores, fortes ou fracas, vigorosas ou débeis e podem variar muito em um mesmo crente, em diferentes épocas de sua vida. Quando eu falo sobre um crente que está crescendo na graça, estou dizendo apenas isto: os sentimentos dele em relação ao pecado estão se tornando mais profundos; a sua fé, mais forte; a sua esperança, mais brilhante; o seu amor, mais abrangente; sua disposição espiritual, mais sensível. Este crente sente mais o poder da piedade em seu próprio coração; manifesta mais piedade em sua vida; está progredindo de força em força, de fé em fé, de graça em graça. Deixo que outros descrevam a condição de tal crente, utilizando as palavras que lhe forem agradáveis. Eu mesmo penso que a melhor e mais verdadeira descrição de tal crente é esta: ele está crescendo na graça!

# CONTROVÉRSIA

*Uma carta escrita por John Newton*

Visto que você está envolvido em controvérsia e que o seu amor pela verdade está unido a um entusiasmo natural de temperamento, um amigo me deixou apreensivo a seu respeito. Você está do lado mais forte, porque a verdade é poderosa e tem de prevalecer. Assim, mesmo uma pessoa de habilidades inferiores pode entrar na batalha confiante na vitória.

Por essa razão, não estou ansioso pelo acontecimento da batalha. Mas desejo que você seja mais do que vencedor e triunfe, não somente sobre o seu adversário, como também sobre você mesmo. Se você não pode ser vencido, pode ser ferido. A fim de preservá-lo de tais feridas, que lhe poderiam dar motivo de chorar por suas conquistas, quero presentear-lo com algumas considerações, que, devidamente atendidas, lhe servirão de cota de malha, um tipo de armadura do qual você não precisará queixar-se, como o fez Davi em relação à armadura de Saul, a qual era incômoda e inútil. Você perceberá

que esta cota de malha foi extraída do grande manual dado ao soldado cristão, a Palavra de Deus.

Estou certo de que você não espera qualquer desculpa por minha liberdade; por isso, não oferecerei nenhuma. Por amor ao método, reduzirei meu conselho a três assuntos: o seu adversário, o público e você mesmo.

Quanto ao seu oponente, desejo que, antes de começar a escrever contra ele e durante todo o tempo em que estiver preparando a sua resposta, você o confie, por meio da oração sincera, ao ensino e à bênção do Senhor. Esta atitude terá a tendência imediata de conciliar seu coração ao amor e à compaixão por seu adversário; e tal disposição exercerá boa influência sobre tudo o que você escrever.

Se você acha que seu adversário é um crente, embora esteja grandemente errado no assunto debatido entre vocês, as palavras de Davi a Joabe, a respeito de Absalão, lhe são bastante aplicáveis: “Tratai com

brandura... por amor de mim” (2 Sm 18.5). O Senhor ama e tolera o seu oponente; portanto, você não deve menosprezá-lo ou tratá-lo com aspereza. O Senhor tolera igualmente a você e espera que demonstre ternura para com os outros, motivado pelo senso de perdão de que você mesmo tanto necessita.

Em breve, vocês se encontrarão no céu. Ali, ele lhe será mais querido do que o amigo mais íntimo que você tem agora neste mundo. Em seus pensamentos, antecipe aquele tempo. E, embora você julgue necessário opor-se aos erros dele, encare-o pessoalmente como um irmão, com quem você será feliz, em Cristo, para sempre. Mas, se você o considera uma pessoa não-convertida, em um estado de inimizade contra Deus e a graça dEle (esta é uma suposição que, sem boas evidências, você não deve se mostrar disposto a admitir), ele é mais um objeto de sua compaixão do que de sua ira.

Infelizmente, “ele não sabe o que está fazendo”. Mas você sabe quem o tornou diferente. Se Deus, em seu soberano prazer, assim o tivesse determinado, você poderia ser o que o seu adversário é agora; e ele, em seu lugar, estaria defendendo o evangelho. Por natureza, vocês eram igualmente cegos. Se você atentar a este fato, não censurará nem odiará o seu oponente, porque o Senhor se agradou em abrir os seus olhos e não os olhos dele.

De todas as pessoas que se envolvem em controvérsia, nós, que somos chamados *calvinistas*, estamos especialmente obrigados, por nossos princípios, a exercer gentileza e

moderação. Se aqueles que diferem de nós têm capacidade de mudar a si mesmos, podem abrir seus próprios olhos e amolecer seus próprios corações, então, nós podemos, com menor incoerência, ser ofendidos pela obstinação deles. Contudo, se cremos no contrário disso, nosso dever é não contender, mas instruir, com mansidão, aqueles que se opõem, “na expectativa de que Deus lhes conceda... o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade” (2 Tm 2.25).

Se você escrever com o desejo de ser um instrumento de corrigir erros, é claro que terá cautela para não ser uma pedra de tropeço no caminho dos cegos, nem utilizar expressões que podem incendiar as paixões deles, confirmá-los em seus preconceitos e, por meio disso, tornar mais impraticável (do ponto de vista humano) o convencimento deles.

Por meio da página impressa, você apela ao público; e seus leitores podem ser classificados em três grupos. Primeiramente, aqueles que discordam de você em princípio. Sobre estes posso reportar-lhe o que já disse antes. Embora você tenha em vista, principalmente, um único indivíduo, há muitos com opinião idêntica à dele; portanto, a mesma argumentação poderá atingir uma só pessoa ou milhares.

Também haverá muitos que darão pouquíssima consideração ao cristianismo, bem como à idéia de pertencerem a um sistema religioso estabelecido, e que estão engajados na luta em favor daqueles sentimentos que são, no mínimo, repugnantes

às boas opiniões que os homens naturalmente possuem a respeito de si mesmos. Estes são incompetentes para julgar doutrinas, mas podem formular uma opinião tolerável a respeito do espírito de um escritor. Eles sabem que mansidão, humildade e amor são as características do temperamento de um crente. E, embora tais leitores finjam considerar as doutrinas da graça como meras opiniões e especulações que, supondo fossem adotadas por eles, não teriam qual-

quer influência saudável sobre seu comportamento, eles sempre esperaram de nós, que professamos estes princípios, que tais disposições correspondam com os preceitos do evangelho. Eles discernem imediatamente quando nos afastamos de tal espírito, considerando isso um motivo para justificar o menosprezo deles para com os nossos argumentos.

A máxima das Escrituras: “A ira do homem não produz a justiça de Deus” (Tg 1.20) é confirmada pela observação diária. Se tornamos amargo o nosso zelo, por utilizarmos expressões de ira, injúria, zombaria, podemos pensar que estamos fazendo um serviço à causa da verdade, quando, na realidade, estamos apenas lhe trazendo descrédito.

As armas de nossa milícia, que sozinhas podem destruir as fortalezas do erro, não são carnis e sim

espirituais; são argumentos extraídos corretamente das Escrituras, bem como da experiência, e reforçados por uma aplicação compassiva, capaz de convencer nossos leitores. Estes argumentos (quer convençamos os leitores, quer não) mostram que almejamos o bem da alma deles e estamos contendendo tão-somente por amor à verdade. Se pudermos convencê-los de que agimos com estes motivos, nosso objetivo está parcialmente alcançado.

Eles se mostrarão mais dispostos a ponderar, com calma, aquilo que lhes oferecemos. E, se ainda discordarem de nossas opiniões, serão constrangidos a aprovar nossas intenções.

Você encontrará uma terceira classe de leitores, que, pensando como nós, aprovarão prontamente o que você dirá e, talvez, serão estabelecidos e firmados em seus pontos de vista sobre as doutrinas das Escrituras, por meio de uma elucidação clara e magistral do assunto. Você pode ser um instrumento para a edificação deles, se a lei da bondade, bem como a da verdade, regularem sua caneta, pois, de outro modo, você lhes causará danos.

Existe um princípio do “eu” que nos leva a desprezar todos aqueles que discordam de nós. E geralmente nos encontramos sob a influência deste princípio, quando pensamos estar

---

■

*De todas as pessoas que se envolvem em controvérsia, nós, que somos chamados calvinistas, estamos especialmente obrigados, por nossos princípios, a exercer gentileza e moderação.*

---

■

apenas mostrando um zelo conveniente na causa do Senhor. Creio prontamente que os principais argumentos do arminianismo surgem do orgulho humano — e são nutridos por tal orgulho. Todavia, devo me alegrar se o contrário sempre foi verdadeiro. Também creio que aceitar o que é chamado de doutrinas calvinistas consiste em um sinal infalível de uma mentalidade humilde.

Tenho conhecido alguns arminianos — ou seja, pessoas que, por falta de mais iluminação, têm se mostrado receosas de abraçar as doutrinas da graça gratuita — que têm dado evidências de que seus corações estavam em profunda humildade diante do Senhor. E temo que haja calvinistas que, enquanto tomam como prova de sua humildade o fato de que estão dispostos a degradar, em palavras, a criatura e dar toda a glória da salvação ao Senhor, desconhecem o tipo de espírito que possuem.

Aquilo que nos faz ter confiança de que, em nós mesmos, somos comparativamente sábios ou bons, a ponto de tratar com desprezo aqueles que não subscrevem nossas doutrinas ou seguem o nosso grupo, é uma prova e um fruto do espírito de justiça própria. A justiça própria pode se alimentar de doutrinas, bem como de obras. Um homem pode ter o coração de um fariseu, enquanto a sua mente está repleta de conceitos ortodoxos sobre a indignidade da criatura e as riquezas da graça gratuita. Sim, eu poderia acrescentar: os melhores dos homens não estão completamente livres deste fermento. Por isso, eles estão propensos a se satisfazerem com apresentações que podem levar os

nossos adversários ao ridículo e, por consequência, bajular as nossas opiniões superiores.

Controvérsias, em sua maioria, são administradas de modo a favorecer, e não a reprimir, esta disposição errada. Portanto, falando de modo geral, as controvérsias produzem pouquíssimo bem. Elas provocam aqueles aos quais deveriam convencer e envaidecem aqueles que elas deveriam edificar. Espero que seu empreendimento tenha o sabor de um espírito de humildade e seja um meio de promovê-la em outros.

Isto me leva, em último lugar, a considerar nosso interesse em seu atual empreendimento. Parece um serviço louvável defender a fé que uma vez foi entregue aos santos. Somos ordenados a batalhar diligentemente por esta fé e convencer os que se opõem. Se tais defesas foram convenientes e oportunas em tempos passados, parecem que elas também o são em nossos dias, quando erros abundam por todos os lados e cada verdade do evangelho é negada de modo direto ou apresentada de modo grotesco.

Além disso, encontramos poucos escritores de controvérsia que não têm sido claramente prejudicados por ela — ou por desenvolverem um senso de importância pessoal, ou por absorverem um espírito de contenção irada, ou por afastarem insensivelmente sua atenção das coisas que constituem o alimento e a sustentação imediata da vida de fé e gastarem seu tempo e forças em assuntos que, em sua maioria, são apenas de valor secundário. Isto nos mostra que, se o serviço é louvável, ele é também

perigoso. Que benefício um homem pode ter em ganhar a sua causa, silenciar o adversário, se, ao mesmo tempo, ele perde aquele espírito de humildade e contrição que deleita o Senhor e conta com a promessa de sua presença?

Sem dúvida alguma, o seu alvo é bom, mas você tem necessidade de vigilância e oração, pois Satanás estará à sua mão direita para opor-se a você. Ele tentará destruir suas opiniões. E, embora você se levante em defesa da causa de Deus, ela pode tornar-se sua própria causa, se você não estiver olhando continuamente para o Senhor, a fim de ser guardado e alertado por Ele, naquelas disposições que são incoerentes com a verdadeira paz de espírito; isto certamente obstruirá a comunhão com Deus. Esteja alerta contra o permitir que alguma coisa pessoal entre no debate. Se você acha que foi injuriado, terá a oportunidade de mostrar que é um discípulo de Cristo, pois Ele, “quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças” (1 Pe 2.23). Este é o nosso padrão; por isso, temos de escrever e falar por Deus, “não pagando mal por mal ou injúria por injúria; antes, pelo contrário, bendizendo,

pois para isto mesmo fostes chamados” (1 Pe 3.9).

A sabedoria que vem do alto não é somente pura, mas também pacífica e cordial. A falta destas qualidades, à semelhança da mosca morta em uma vasilha de unguento, estragará o sabor e a eficácia de nossos labores. Se agirmos com espírito errado, traremos pouca glória para Deus, faremos pouco bem ao nosso próximo e não obteremos nem descanso nem honra para nós mesmos.

Se você puder se contentar com o expressar a sua opinião e, assim, conquistar o sorriso de seu oponente, isto será uma tarefa fácil. Mas espero que você tenha outro alvo mais nobre e que, estando sensível à solene importância das verdades do evangelho e à compaixão pelas almas dos homens, você preferirá ser um meio de remover preconceitos em uma única ocasião a obter os aplausos inúteis de milhares. Portanto, vá em frente, no nome e na força do Senhor dos Exércitos, falando a verdade em amor. E que o próprio Senhor dê em muitos corações um testemunho de que você é ensinado por Ele e favorecido com a unção do Espírito Santo.



*As Escrituras nos ensinam a melhor forma de viver,  
a forma mais nobre de sofrer,  
e a forma mais confortável de morrer.*

**John Flavel**

# AMOR ELETIVO

*Robert Murray M'Cheyne*

*Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça.*

*João 15.16*

**E**sta é uma afirmação sobre o humilhante e, ao mesmo tempo, bastante abençoadora para o verdadeiro discípulo de Jesus. Foi muito humilhante para os discípulos ouvirem que não haviam escolhido a Cristo. As necessidades de vocês são tantas, e seus corações, tão endurecidos, que vocês não me escolheram. Mas, apesar disso, foi extremamente reconfortante para os discípulos saberem que Cristo os havia escolhido — “Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros”. Isto lhes mostrou que Cristo os amou antes de eles O amarem — Ele os amou quando ainda estavam mortos em pecados. Em seguida, Jesus mostrou aos discípulos que seria o amor que os tornaria santos: “Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça”.

Consideremos as verdades deste

versículo na ordem em que são expressas.

*1. OS HOMENS NÃO ESCOLHEM NATURALMENTE A CRISTO* — “Não fostes vós que me escolhestes a mim”. Isto era verdade a respeito dos apóstolos; também é verdade a respeito de todos os que crerão em Jesus, até o final do mundo. “Não fostes vós que me escolhestes a mim.” O ouvido natural é tão surdo, que não pode ouvir; os olhos naturais, tão cegos, que não podem ver a Cristo. Em certo sentido, é verdade que todo verdadeiro discípulo escolhe a Cristo; mas isto acontece somente quando Deus abre os olhos da pessoa, para que ela veja a Jesus; quando Deus outorga vigor ao braço ressequido, para que ele abraça a Cristo.

O significado das palavras de Jesus era: “Vocês nunca me teriam escolhido, se eu não os tivesse escolhido”. É verdade que, quando Deus abre o coração do pecador, este

escolhe a Cristo e a ninguém mais, somente a Cristo. É verdade que um coração vivificado pelo Espírito sempre escolhe a Cristo, a ninguém mais, somente a Cristo, e por Ele renunciará o mundo inteiro.

Irmãos, este versículo nos ensina que todo pecador despertado se mostra disposto a seguir a Cristo, mas não antes de ser tornado disposto. Aqueles que dentre vocês foram despertados, não escolheram a Cristo. Se um médico viesse à sua casa e dissesse que viera para curá-lo de sua enfermidade, e se você sentisse que não estava doente, diria ao médico: “Não preciso de você; procure o vizinho”. Esta é a maneira como você age para com o Senhor Jesus: Ele lhe oferece a cura, mas você Lhe diz que não está enfermo; Ele se oferece para cobrir, com a obediência dEle mesmo, a nudez de sua alma, mas você responde: “Não preciso dessa roupa”.

Outra razão por que você não escolhe a Cristo é esta:  *você não vê qualquer beleza nEle*. “E como raiz de uma terra seca; não tinha aparência nem formosura” (Is 53.2). Você não vê qualquer beleza na pessoa de Cristo, nenhuma beleza na obediência dEle, nenhuma glória na sua cruz. Você não O vê e, por isso, não O escolhe.

Outra razão por que você não escolhe a Cristo é esta:  *não quer que Ele o torne santo*. “Lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles” (Mt 1.21). Mas você ama o pecado, ama os seus prazeres. Por isso, quando o Filho de Deus se aproxima e lhe diz: “Eu o salvarei dos seus pecados”, você

responde: “Amo o pecado, amo os meus prazeres”. Por conseguinte, você nunca pode chegar a um acordo com o Senhor Jesus. “Não fostes vós que me escolhestes a mim.” Embora eu tenha morrido em favor de vocês, não me escolheram. Tenho lhes falado por muitos anos, mas, apesar disso, vocês não me escolheram. Tenho lhes dado a Bíblia, para instruí-los, e ainda assim vocês não me escolheram. Irmão, esta acusação lhe sobrevirá no Dia do Juízo: “Eu o teria vestido com a minha obediência, mas você não o quis”.

2. *CRISTO ESCOLHEU SEUS PRÓPRIOS DISCÍPULOS*. “Eu vos escolhi a vós outros”. O Senhor Jesus contemplou os seus discípulos com um divino olhar de misericórdia, dizendo-lhes: “Eu vos escolhi a vós outros”. Todos aqueles que Jesus traz à glória, Ele os escolheu.

*O tempo em que Ele escolheu os discípulos*. Observamos que foi antes de eles crerem — “Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros”. Isto equivale a: “Fui eu que comecei a lidar com vocês, não foram vocês que começaram a lidar comigo”. Você perceberá isto em Atos 18.9 e 10: “Teve Paulo durante a noite uma visão em que o Senhor lhe disse: Não temas; pelo contrário, fala e não te cales; porquanto eu estou contigo, e ninguém ousará fazer-te mal, pois tenho muito povo nesta cidade”. Nesta ocasião, Paulo estava em Corinto, a cidade mais lasciva e ímpia do mundo antigo. Os coríntios se davam a banquetes e à detestável

idolatria, mas Cristo disse ao apóstolo: “Tenho muito povo nesta cidade”. Eles não tinham escolhido a Cristo; Ele, porém, os escolheu. Aqueles coríntios não se haviam arrependido ainda, mas Cristo fixou seus olhos sobre eles. Isto mostra claramente que Cristo escolhe os seus discípulos antes que estes O busquem.

Além disso, Cristo os escolheu desde o princípio — “devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados pelo Senhor, porque Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade” (2 Ts 2.13); “assim como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor” (Ef 1.4). Portanto, irmãos, foi antes da fundação do mundo que Cristo escolheu os seus próprios discípulos, quando não havia sol, nem lua; quando não havia mar, nem terra — foi no princípio. Ele podia dizer com certeza: “Não fostes vós que me escolhestes a mim”. Antes que os homens amassem uns aos outros, ou que os anjos se amassem mutuamente, Cristo escolheu os seus próprios discípulos. Agora sei o que significam as palavras de Paulo, quando ele disse: “A fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento” (Ef 3.18-19).

Agora não fico surpreso com a morte de Cristo. Foi uma expressão de amor tão grande que transbordou os diques que o retinham, um amor que irrompeu no Calvário e no Get-

sêmani. Ó irmão, você conhece este amor?

Agora falemos sobre a *razão deste amor*. “Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros” (Jo 15.16). Esta é uma pergunta natural: por que Ele me escolheu? Respondo que a razão por que Ele escolheu você foi o beneplácito da vontade dEle mesmo. Você pode ver isto ilustrado em Marcos 3.13: “Depois, subiu ao monte e chamou os que ele mesmo quis, e vieram para junto dele”. Havia uma grande multidão ao redor de Jesus; Ele chamou alguns, mas não chamou a todos. A razão apresentada é esta: “Chamou os que ele mesmo quis”. Não há qualquer razão na criatura; a razão está nEle, que escolhe. Você verá isto em Malaquias 1.2 e 3: “Eu vos tenho amado, diz o SENHOR; mas vós dizeis: Em que nos tens amado? Não foi Esaú irmão de Jacó? — disse o SENHOR; todavia, amei a Jacó, porém aborreci a Esaú”. Eles não eram filhos da mesma mãe? Apesar disso, “amei a Jacó e aborreci a Esaú”. A única razão apresentada é esta: “Terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia” (Êx 33.19). Você também pode ver isto em Romanos 9.15 e 16. A única razão que a Bíblia nos oferece para explicar porque Cristo nos amou (e se você estudar até à sua morte, não encontrará outra) é esta: “Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia”. Isto é evidente de todos aqueles que Cristo escolhe.

A Bíblia nos fala sobre duas grandes apostasias: uma, no céu; outra, na terra. A primeira, no céu: Lúcifer, a estrela da manhã, pecou por

orgulho, e Deus o lançou no inferno, bem como todos aqueles que acompanharam a Lúcifer em seu pecado. A segunda apostasia, na terra: Adão pecou e, por isso, foi expulso do Paraíso. Tanto Adão como Lúcifer mereciam a condenação. Deus tinha um propósito de amor. Em favor de quem existia este propósito? Talvez os anjos apelaram pelos outros anjos que eram seus companheiros. Mas Cristo os deixou de lado e morreu em favor do homem. Por que Ele morreu em favor do homem? A resposta é: “Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia”. Isto também é evidente nas pessoas que Cristo escolhe. Talvez você pense que Cristo deveria escolher os ricos, mas o que disse Tiago? “Não escolheu Deus os que para o mundo são pobres, para serem ricos em fé e herdeiros do reino que ele prometeu aos que o amam?” (2.5)

Você também pode imaginar que Cristo deveria escolher os nobres; eles não têm os preconceitos que os pobres têm. Mas, o que nos dizem as Escrituras? “Não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos” (1 Co 1.26). Ou talvez você pense que Cristo deveria escolher os eruditos. A Bíblia está escrita em linguagem difícil; suas doutrinas são árduas à compreensão; apesar disso, veja o que Cristo disse: “Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos” (Mt 11.25).

Ainda, você pode imaginar que Cristo deveria escolher pessoas cheias de virtudes. Embora não haja nem

um justo, existem algumas pessoas que são mais virtuosas do que outras. Todavia, Cristo disse que publicanos e meretrizes entram no reino de Deus, enquanto os fariseus são deixados do lado de fora. “Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!” (Rm 11.33) Por que o Senhor Jesus escolheu os mais ímpios? Eis a única razão que encontrei na Bíblia: “Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia e compadecer-me-ei de quem me aprouver ter compaixão” (Rm 9.15).

*Cristo escolhe alguns dos que O buscam e não outros.* Houve um jovem rico que veio a Cristo e perguntou-Lhe: “Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?” (Mc 10.17) Este jovem foi sincero, mas um obstáculo surgiu entre eles, e o jovem recuou. Uma mulher pecadora veio aos pés de Jesus, chorando. Ela também foi sincera, e Cristo lhe disse: “Perdoados são os teus pecados” (Lc 7.48). O que causou a diferença? “Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia.” O Senhor Jesus “chamou os que ele mesmo quis”. Ó meu irmão, humilhe-se ante a soberania de Deus. Se Ele decidiu ter compaixão, Ele terá compaixão.

3. APRESENTO O TERCEIRO E ÚLTIMO PONTO: “Eu... vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça” (Jo 15.16). Cristo escolhe não somente aqueles que serão salvos, mas também a maneira

como isso acontecerá. Escolhe não somente o começo e o fim, mas também o meio. “Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade” (2 Ts 2.13). “Assim como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor...” (Ef 1.4). E lemos em Romanos 8: “E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou” (v. 30). A salvação é como uma corrente de ouro que une o céu à terra. Dois elos estão nas mãos de Deus — a eleição e a salvação final. Mas alguns dos elos estão na terra — a conversão, a adoção, etc. Irmãos, Cristo nunca escolhe um homem para crer e ser imediatamente transportado à glória. Ah! meu irmão, como isto remove todas as objeções levantadas contra a santa doutrina da eleição! Alguns talvez digam: “Se sou eleito, serei salvo, viverei como quiser”. Não, se

você vive em impiedade, você não será salvo. Outros talvez digam: “Se eu não sou um eleito, não serei salvo, viverei como eu quiser”. Se você é ou não eleito, eu não sei. Eu sei isto: se você crer em Cristo, será salvo.

Quero perguntar-lhe: você já creu em Jesus? Está portando a imagem de Cristo? Então, você é um eleito e será salvo. Todavia, existem muitos que ainda não creram em Cristo e não têm uma vida santa. Então, não importa o que vocês pensam agora, descobrirão ser verdade que estão entre aqueles que foram deixados de fora.

Oh! meu irmão, aqueles que negam a eleição negam que Deus pode ter misericórdia! Esta é uma doce verdade: Deus pode ter misericórdia. No seu coração endurecido não existe nada capaz de impedir que Deus tenha misericórdia de você. Tome posse desta verdade no coração: Deus pode ter misericórdia. “Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros.”

## ***ORAÇÃO DE LUTERO EM SUA ORDENAÇÃO***

Ó Senhor Deus, Tu me fizeste um pastor e mestre na igreja. Tu vês quão incapaz eu sou para cumprir adequadamente este grande e responsável ofício. Se eu não tivesse a tua ajuda e orientação, há muito tempo eu o teria arruinado. Por isso, eu Te invoco. Oh! quão alegremente desejo render-me e consagrar o coração e lábios a este ministério! Desejo ensinar a igreja. Também desejo aprender a tua palavra, desejo tê-la como minha companheira permanente e meditar nela fervorosamente. Usa-me como teu instrumento, em teu serviço. Não me abandones; pois, deixado sozinho, certamente trarei este ofício à destruição. Amém!

# A CRUZ E O “EU”

*Arthur W. Pink*

*Então, disse Jesus a seus discípulos: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me.*

*Mateus 16.24*

Antes de abordarmos o tema deste versículo, desejamos fazer algumas considerações sobre os seus termos. “Se alguém” — o termo utilizado refere-se a todos os que desejam unir-se ao grupo dos seguidores de Cristo e alistar-se sob a bandeira dEle. “Se alguém quer” — o grego é muito enfático, significando não somente a anuência da vontade, mas também o propósito completo do coração, uma resolução determinada. “Vir após mim” — como um servo sujeito a seu Senhor, um aluno, ao seu Mestre, um soldado, ao seu Capitão. “Negue” — o vocábulo grego significa *negue-se completamente*. Negue-se a si mesmo — a sua natureza pecaminosa e corrupta. “Tome” — não quer dizer leve ou suporte passivamente, e sim assuma voluntariamente, adote ativamente. “A sua cruz” — que é desprezada pelo mundo, odiada pela carne, mas, apesar disso, é a marca distintiva de um verdadeiro crente. “E siga-me” — viva como Cristo viveu, para a glória de Deus.

O contexto imediato é ainda mais

solene e impressionante. O Senhor Jesus acabara de anunciar aos seus apóstolos, pela primeira vez, a aproximação de sua morte de humilhação (v. 21). Pedro, admirado, disse-Lhe: “Tem compaixão de ti, Senhor” (v. 22). Estas palavras expressaram a política da mentalidade carnal. O caminho do mundo é a satisfação e a preservação do “eu”. “Poupa-te a ti mesmo” é a síntese da filosofia do mundo. Mas a doutrina de Cristo não é “salva-te a ti mesmo”, e sim sacrifica-te a ti mesmo. Cristo discerniu no conselho de Pedro uma tentação da parte de Satanás (v. 23) e, imediatamente, a repeliu. Jesus disse a Pedro não somente que Ele tinha de ir a Jerusalém e morrer ali, mas também que todos os que desejassem tornar-se seguidores dEle tinham de tomar a sua cruz (v. 24). Existia um imperativo tanto em um caso como no outro. Como instrumento de mediação, a cruz de Cristo permanece única; todavia, como um elemento de experiência, ela tem de ser compartilhada por todos os que entram na vida.

O que é um “cristão”? Alguém que possui membresia em uma igreja na terra? Não. Alguém que afirma um credo ortodoxo? Não. Alguém que adota certo modo de conduta? Não. Então, o que é um cristão? É alguém que renunciou o “eu” e recebeu a Cristo Jesus como Senhor (Cl 2.6). O verdadeiro cristão é alguém que tomou sobre si o jugo de Cristo e aprende dEle, que é “manso e humilde de coração” (Mt 11.29). O verdadeiro cristão é alguém que foi chamado à comunhão do Filho de Deus, “Jesus Cristo, nosso Senhor” (1 Co 1.9): comunhão em sua obediência e sofrimento agora; em sua recompensa e glória no futuro eterno. Não existe tal coisa como o pertencer a Cristo e viver para satisfazer o “eu”. Não se engane nesse ponto. “Qualquer que não tomar a sua cruz e vier após mim não pode ser meu discípulo” (Lc 14.27) — disse o Senhor Jesus. E declarou novamente: “Aquele que [em vez de negar-se a si mesmo] me negar diante dos homens [e não para os homens — é a conduta, o andar que está em foco nestas palavras], também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus” (Mt 10.33).

A vida cristã tem início com um ato de auto-renúncia, sendo continuada por automortificação (Rm 8.13). A primeira pergunta de Saulo de Tarso, quando Cristo o deteve, foi esta: “Que farei, Senhor?” (At 22.10.) A vida cristã é comparada a uma corrida, e o atleta é chamado a desembaraçar-se “de todo peso e do pecado que tenazmente... assedia” (Hb 12.1) — ou seja, o pecado que está no amor ao “eu”, o desejo e a

resolução de seguir nosso próprio caminho (Is 53.6). O grande e único alvo, objetivo e tarefa colocados diante do cristão é seguir a Cristo: seguir o exemplo que Ele nos deixou (1 Pe 2.21); e Ele não agradou a Si mesmo (Rm 15.3). Existem dificuldades no caminho, obstáculos na jornada, dos quais o principal é o “eu”. Portanto, ele tem de ser “negado”. Este é o primeiro passo em direção a seguir a Cristo.

O que significa negar completamente a si mesmo? Primeiramente, significa o completo repúdio de sua própria bondade: cessar de confiar em quaisquer de nossas obras para recomendar-nos a Deus. Significa uma aceitação irrestrita do veredito divino de que todos os nossos melhores feitos são “como trapo da imundícia” (Is 64.6). Foi neste ponto que Israel falhou, “porquanto, desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à que vem de Deus” (Rm 10.3). Esta afirmativa deve ser contrastada com a declaração de Paulo: “E ser achado nele, não tendo justiça própria” (Fp 3.9).

Negar completamente a si mesmo significa renunciar de todo a sua própria sabedoria. Ninguém pode entrar no reino de Deus, se não se tornar como uma “criança” (Mt 18.3). “Ai dos que são sábios a seus próprios olhos e prudentes em seu próprio conceito!” (Is 5.21.) “Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos” (Rm 1.22). Quando o Espírito Santo aplica o evangelho com poder em uma alma, Ele o faz “para destruir fortalezas, anulando... sofismas e toda altivez que se levante

contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo” (2 Co 10.4,5). Um lema sábio que todo cristão deve adotar é: “Não te estribes no teu próprio entendimento” (Pv 3.5).

Negar completamente a si mesmo significa renunciar suas próprias forças: não ter qualquer confiança na carne (Fp 3.3).

Significa prostrar o coração à afirmativa de Cristo: “Sem mim nada podeis fazer” (Jo 15.5). Foi neste ponto

que Pedro falhou (Mt 26.33). “A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito, a queda” (Pv 16.18). Quão necessário é que estejamos sempre atentos! “Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia” (1 Co 10.12). O segredo do vigor espiritual se encontra em reconhecermos nossa fraqueza pessoal (ver Is 40.29; 2 Co 12.9). Sejamos, pois, fortes “na graça que está em Cristo Jesus” (2 Tm 2.1).

Negar completamente a si mesmo significa renunciar de todo a sua própria vontade. A linguagem de uma pessoa não-salva é: “Não queremos que este reine sobre nós” (Lc 19.14). A atitude de um verdadeiro cristão é: “Para mim, o viver é Cristo” (Fp 1.21) — honrar, agradar e servir a Ele. Renunciar a nossa própria vontade significa dar atenção à exortação de Filipenses 2.5: “Tende

em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus”; e isto é definido nos versículos seguintes como auto-renúncia. Renunciar a nossa própria vontade é o reconhecimento prático de que não somos de nós mesmos e de que fomos “comprados por preço” (1 Co 6.20); é dizermos juntamente com Cristo:

“Não seja o que eu quero, e sim o que tu queres” (Mc 14.36).

Negar completamente a si mesmo significa renunciar as

— ■ —  
*Como instrumento de mediação,  
 a cruz de Cristo permanece  
 única; todavia, como um elemento  
 de experiência, ela tem de ser  
 compartilhada por todos  
 os que entram na vida.*  
 — ■ —

suas próprias concupiscências ou desejos carnavais. “O ego de um homem é um pacote de ídolos” (Thomas Manton), e esses ídolos têm de ser repudiados. Os não-crentes amam a si mesmos (2 Tm 3.2 – ARC). Todavia, alguém que foi regenerado pelo Espírito diz, assim como Jó: “Sou indigno... Por isso, me abomino” (40.4; 42.6). A respeito dos não-crentes, a Bíblia afirma: “Todos eles buscam o que é seu próprio, não o que é de Cristo Jesus” (Fp 2.21). Mas, a respeito dos santos de Deus, está escrito: “Eles... mesmo em face da morte, não amaram a própria vida” (Ap 12.11). A graça de Deus está nos educando “para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos, no presente século, sensata, justa e piedosamente” (Tt 2.12).

Este negar a si mesmo que Cris-

to exige dos seus seguidores é total. Não há qualquer restrição, quaisquer exceções — “Nada disponhais para a carne no tocante às suas concupiscências” (Rm 13.14). Este negar a si mesmo tem de ser contínuo e não ocasional — “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me” (Lc 9.23). Tem de ser espontâneo, não forçado; realizado com alegria e não com relutância — “Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como para o Senhor e não para homens” (Cl 3.23). Oh! quão perversamente tem sido abaixado o padrão que Deus colocou diante de nós! Como este padrão condena a negligência, a satisfação carnal e a vida mundana de muitos que se declaram (inutilmente) “cristãos”!

“Tome a sua cruz.” Isto se refere à cruz não como um objeto de fé, e sim como uma experiência na alma. Os benefícios legais do Calvário são recebidos por meio de crer, quando a culpa do pecado é cancelada, mas as virtudes experimentais da cruz de Cristo são desfrutadas apenas quando somos conformados, de modo prático, “com ele na sua morte” (Fp 3.10). É somente quando aplicamos a cruz, diariamente, ao nosso viver e regulamos nosso comportamento pelos princípios dela, que a cruz se torna eficaz sobre o poder do pecado que habita em nós. Não pode haver ressurreição onde não há morte; não pode haver um andar prático, “em novidade de vida”, enquanto não levamos “no corpo o morrer de Jesus” (2 Co 4.10). A cruz é a insígnia, a evidência do discipulado cristão. É a cruz de Cristo e não o credo dEle

que faz a distinção entre um verdadeiro seguidor de Cristo e os religiosos mundanos.

Ora, em o Novo Testamento a “cruz” representa realidades definidas. Primeiramente, a cruz expressa o ódio do mundo. O Filho de Deus não veio para julgar, e sim para salvar; não veio para castigar, e sim para redimir. Ele veio ao mundo “cheio de graça e de verdade”. O Filho de Deus sempre estava à disposição dos outros: ministrando aos necessitados, alimentando os famintos, curando os enfermos, libertando os possessos de espíritos malignos, ressuscitando mortos. Ele era cheio de compaixão — manso como um cordeiro, totalmente sem pecado. O Filho de Deus trouxe consigo boas-novas de grande alegria. Ele buscou os perdidos, pregou aos pobres, mas não desprezou os ricos; e perdoou pecadores. De que modo Cristo foi recebido? Que boas-vindas os homens Lhe ofereceram? Os homens O desprezaram e rejeitaram (Is 53.3). Ele disse: “Odiam-me sem motivo” (Jo 15.25). Os homens sentiram sede do sangue de Jesus. Nenhuma morte comum lhes satisfaria. Exigiram que Jesus fosse crucificado. Por conseguinte, a cruz foi a manifestação do ódio inveterado do mundo para com o Cristo de Deus.

O mundo não se alterou, assim como o etíope ainda não mudou a sua pele e o leopardo, as suas manchas. O mundo e Cristo ainda estão em antagonismo. Por isso, a Bíblia afirma: “Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus” (Tg 4.4). É impossível andarmos com Cristo e gozarmos de

comunhão com Ele, enquanto não tivermos nos separado do mundo. Andar com Cristo envolve necessariamente compartilhar de sua humilhação — “Saíamos, pois, a ele, fora do arraial, levando o seu vitupério” (Hb 13.13). Foi isso o que Moisés fez (ver Hb 11.24-26). Quanto mais intimamente eu estiver andando com Cristo, tanto mais incorretamente serei compreendido (1 Jo 3.2), tanto mais serei ridicularizado (Jó 12.4) e odiado pelo mundo (Jo 15.19). Não cometa erro neste ponto: é totalmente impossível ser amigo do mundo e andar com Cristo. Portanto, *tomar a cruz* significa que eu desprezo voluntariamente a amizade do mundo, recusando conformar-me com ele (Rm 12.2). Que me importa a caranca do mundo, se estou desfrutando do sorriso do Salvador?

*Tomar a cruz* significa uma vida de sujeição voluntária a Deus. No que concerne à atitude de homens ímpios, a morte de Cristo foi um assassinato. Mas, no que se refere à atitude do próprio Senhor Jesus, a sua morte foi um sacrifício espontâneo, uma oferta de Si mesmo a Deus. Foi também um ato de obediência a Deus. Ele mesmo disse: “Ninguém a tira de mim [a vida dEle]; pelo contrário, eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la” (Jo 10.18). E por que Ele a entregou espontaneamente? As próximas palavras do Senhor Jesus nos dizem: “Este mandato recebi de meu Pai”. A cruz foi a suprema demonstração da obediência de Cristo. Nisto, Ele é nosso exemplo. Citamos novamente Filipenses 2.5: “Tende em vós o mes-

mo sentimento que houve também em Cristo Jesus”. Nas palavras seguintes, vemos o Amado do Pai assumindo a forma de um servo e “tornando-se obediente até à morte e morte de cruz”.

Ora, a obediência de Cristo tem de ser a obediência do cristão — voluntária, alegre, irrestrita, contínua. Se esta obediência envolve vergonha e sofrimento, menosprezo e perdas, não devemos vacilar; pelo contrário, temos de fazer o nosso “rosto como um seixo” (Is 50.7). A cruz é mais do que um objeto da fé do cristão, é a insígnia do discipulado, o princípio pelo qual a vida do crente deve ser regulada. A *cruz* significa entrega e dedicação a Deus — “Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional” (Rm 12.1).

A cruz representa sofrimento e sacrifício vicários. Cristo entregou sua própria vida em favor de outros; e os seguidores dEle são chamados a fazerem espontaneamente o mesmo — “Devemos dar nossa vida pelos irmãos” (1 Jo 3.16). Esta é a lógica inevitável do Calvário. Somos chamados a seguir o exemplo de Cristo, à comunhão de seus sofrimentos, a sermos cooperadores em sua obra. Assim como Cristo “a si mesmo se esvaziou” (Fp 2.7), assim também devemos nos esvaziar. Cristo “não veio para ser servido, mas para servir” (Mt 20.28); temos de agir da mesma maneira. Assim como Cristo “não se agradou a si mesmo” (Rm 15.3), assim também não devemos agradar a nós mesmos. Como o Se-

nhor Jesus sempre pensou nos outros, assim devemos nos lembrar “dos encarcerados, como se presos com eles; dos que sofrem maus tratos”, como se fôssemos nós mesmos os maltratados (Hb 13.3).

“Quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por minha causa achá-la-á” (Mt 16.25). Palavras quase idênticas a estas se encontram também em Mateus 10.39, Marcos 8.35, Lucas 9.24; 17.33, João 12.25. Esta repetição certamente é um argumento em favor da profunda importância de prestarmos atenção e atendermos às palavras de Cristo. Ele morreu para que vivêssemos (Jo 12.24); devemos agir de modo semelhante (Jo 12.25). Assim

como Paulo, devemos ser capazes de afirmar: “Em nada considero a vida preciosa para mim mesmo” (At 20.24). A “vida” de satisfação do “eu” neste mundo é perdida na eternidade. A vida que sacrifica os interesses do “eu” e se rende a Cristo, essa vida será achada novamente e preservada em toda eternidade.

Um jovem que concluíra a universidade e tinha perspectivas brilhantes respondeu à chamada de Cristo para uma vida de serviço para Ele na Índia, entre as classes mais pobres. Seus amigos exclamaram: “Que tragédia! Uma vida desperdiçada!” Sim, foi uma vida “perdida” para este mundo, mas “achada” no mundo por vir.

**T**odo comerciante sábio atualizará periodicamente as suas contas, examinará seu inventário e descobrirá se seu negócio está prosperando ou regredindo. Todo homem sábio, no reino de Deus, clamará: “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos” (Sl 139.23). O crente sábio separará tempo para examinar seu próprio coração, a fim de descobrir se as coisas estão corretas entre a sua alma e Deus. O Deus a quem adoramos é um grande perscrutador de corações.

Os crentes mais velhos devem considerar bem os fundamentos de sua fé, pois cabelos brancos podem esconder corações ímpios. Os crentes novos não devem menosprezar esta palavra de advertência, pois o vigor da juventude pode estar unido com podridão de hipocrisia. O inimigo continua a semear joio no meio do trigo. Não tenho o alvo de lançar dúvidas e temores em sua mente; todavia, espero que o forte vento do auto-exame os expulse de seu coração. É somente a segurança carnal que desejamos aniquilar; não é a confiança em si mesma, e sim a confiança na carne, que pretendemos aniquilar. Não é a paz, e sim a falsa paz que desejamos destruir. O precioso sangue de Cristo não foi derramado para fazer de você um hipócrita, mas para que almas sinceras proclamem os louvores dEle.

*(Extraído de “Leituras Diárias”, C. H. Spurgeon, Vol. 1, Editora Fiel)*